

Em defesa da sociedade: uma análise biopolítica nas capas-reportagens da revista *Veja* da década de 1980

In defense of the company: a biopolitical analysis in the covers-reports of the *Veja* magazine from the 1980's

André Luís A. Silva

Doutorando em História

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

the.andreluis@hotmail.com

Recebido em: 17/07/2021

Aprovado em: 22/10/2021

Resumo: Este artigo problematiza a revista *Veja* como um dispositivo da biopolítica, no qual se cruzam inúmeras relações de saber-poder que buscam produzir subjetividades. A investigação consiste em examinar capas-reportagens publicadas na década de 1980, que tratam da biopolítica, ou seja: (1) em gerenciar e defender a população de possíveis ameaças e perigos, (2) promover seu bem-estar e propiciar melhor qualidade de vida e, (3) estabelecer o que são hábitos normais e anormais na sociedade. Desse modo, o artigo parte da perspectiva de que a temática mencionada está ligada a um jornalismo pedagógico e performativo, isto é, enunciados jornalísticos que buscam disciplinar condutas e produzir comportamentos conformes em seus leitores-população. A promoção da biopolítica realizada por *Veja* será analisada sob a ótica do conceito do filósofo francês Michel Foucault, assim como, sua noção de dispositivo. Ambas as categorias nos possibilitam problematizar a revista *Veja* como uma rede de enunciados que procuram manter, prolongar e administrar a vida da população.

Palavras-chave: Revista *Veja*; Biopolítica; Dispositivo.

Abstract: This article discusses *Veja* magazine as a device of biopolitics, in which knowledge-power relations that seek to produce subjectivities intersect. The investigation consists of examining covers-reports published in the 1980s that deal with biopolitics, that is: (1) in managing and defending the population from possible threats and dangers, (2) promoting their well-being and providing a better quality of life and, (3) establish what are normal and abnormal habits in society.

Thus, the article starts from the perspective that the mentioned theme is linked to a pedagogical and performative journalism, that is, journalistic statements that seek to discipline behavior and produce compliant behavior in its readers-population. The promotion of biopolitics carried out by *Veja* will be analyzed from the perspective of the concept of the French philosopher Michel Foucault, as well as his notion of device. Both categories allow us to problematize *Veja* magazine as a network of statements that seek to maintain, prolong and manage the life of the population.

Keywords: *Veja* magazine; Biopolitics; Device.

Introdução

As discussões em torno da relação entre mídia e o exercício do poder estão presentes em todas as esferas do pensamento social contemporâneo. No aspecto geral, podemos entender a mídia como uma ferramenta que permite a troca de comunicação e informação, ou seja, como uma ponte que liga o enunciador ao enunciatário. É justamente esse processo que os cientistas sociais têm problematizado nas últimas décadas, sob diferentes olhares, referenciais teóricos e objetos de estudo. Assim, os resultados destas discussões repercutem em artigos, dissertações de mestrado, teses de doutoramento e livros. A unanimidade entre os pesquisadores é de que o poder da mídia é notável no que diz respeito à formação de consciência, na condução de condutas dos sujeitos através do prisma da produção de subjetividades. Com efeito, a prática jornalística na contemporaneidade não se limita a apenas informar a sociedade por meio de seus noticiários, também é evidente o jogo de interesse dos veículos de comunicação, como por exemplo, em moldar sujeitos-populações, estabelecendo modos de ver, sentir e agir, dentro de uma esfera individual ou coletiva. Ao informar e veicular notícias na sociedade, o jornalismo oferece, simultaneamente, modos de ler o mundo e se posicionar nele.

Segundo Pereira (2010), o jornalismo na contemporaneidade se legitima na sociedade como uma prática produtora e difusora de cultura, assim, construiu-se ao longo dos anos uma imagem de credibilidade ancorada em conceitos e premissas de objetividade, isenção, neutralidade e imparcialidade. Isso faz do jornalismo um discurso autorizado, o estatuto de dizer o que funciona como verdadeiro numa determinada época. De fato, ao passar dos séculos, o jornalismo perdeu e

também adquiriu novas características, outros veículos de comunicação surgiram e passaram a disputar a audiência e a atenção do/com o público. Exemplo disso são as redes sociais que, nas últimas décadas, vêm disputando com o jornalismo a função de produzir e circular noticiários, estabelecer memórias e narrativas.

Marcondes Filho (2000) caracteriza o jornalismo contemporâneo como uma fase iniciada na passagem dos anos 1970 e 1980, na qual, configura-se como um dispositivo que convoca os leitores a participarem do mundo, tomarem posição e a vivenciarem uma vida de sucesso. Portanto, não basta somente noticiar, trata-se de transformar e moldar os sujeitos-leitores, criar pacotes identitários, mapear caminhos, apresentar-se para os indivíduos como um manual de autoajuda, um guia político, econômico e cultural, que emite receituários e saberes.

As características que Marcondes Filho destaca da fase atual do jornalismo são perceptíveis, principalmente, no segmento das revistas, visto que elas sofreram grandes transformações nas últimas décadas em busca de nichos específicos, tornando-se cada vez mais especializadas em assuntos intrínsecos, propondo normas de condutas, auxiliando na educação da sociedade e se posicionando entre os livros e o modelo tradicional de jornais que conhecemos. De fato, os conteúdos das revistas não são complexos e profundos como nos livros, assim como, também não são brevemente simples e rasos como os dos jornais convencionais produzidos no calor da hora. De acordo com Scalzo (2011), o conteúdo das revistas preenche a lacuna deixada pelos livros (objetos sacralizados) e jornais (noticiários ligeiros), pois seu conteúdo descodifica a complexidade dos livros e aprofunda as notícias veiculadas anteriormente pelos jornais. Para a autora, o leitor de revistas não está preocupado com o imediatismo e/ou a complexidade de tal assunto, o que ele procura é por instruções, complementos, caminhos alternativos, textos de qualidade ao ponto de serem analíticos e menos factuais.

Em virtude do que foi mencionado, apropriamo-nos das publicações da revista *Veja* da década de 1980, como nosso objeto de estudo. A década referenciada é importante quando olhamos para conjuntura do Brasil, pois, trata-se de um período de transição política, econômica, social e

cultural. O contexto externo é composto pelas disputas da Guerra Fria e pela chegada do neoliberalismo nos EUA, Alemanha, França e Reino Unido, assim como, a abertura econômica da China. Com efeito, não devemos esquecer que o jornalismo de revista interfere ativamente nas mudanças, rupturas e transformações de uma sociedade, isto é, trazendo as atualidades, as tendências, os novos modos de se pensar, sentir, viver e se comportar. A década de 1980, também é o ápice de tiragem da revista *Veja* até aquele momento, em um levantamento feito pelo *Instituto Verificador de Comunicação (IVC)*¹, revela que a tiragem média semanal de *Veja* chegou a ser de 800 mil exemplares na década de 1980. Segundo uma matéria do jornal *O Globo*, em 22 de dezembro de 2018, a *Veja* se tornou a revista mais vendida do país e a terceira mais vendida do mundo no final dos anos 1980, com circulação acima de um milhão de exemplares, mantendo-se até a atualidade como a líder do mercado brasileiro de revistas². Com efeito, todos estes motivos somados justificam o porquê de nosso interesse em *Veja*.

Para que seja possível a realização deste trabalho, somente as capas-reportagens da revista serão analisadas, ou seja, a manchete da capa e, posteriormente, sua reportagem completa, encontrada no miolo da revista. Como em qualquer periódico, as capas se caracterizam como os principais espaços e, por conta disso, possuem melhor acabamento ilustrativo. A manchete e a chamada da capa buscam causar impacto, têm por finalidade reforçar e legitimar o conteúdo visual, ao mesmo tempo em que convocam o público à leitura. As capas de *Veja* têm por objetivo principal chamar a atenção de seus leitores para determinado fato e/ou reportagem que a própria revista classifica como mais importante e, por isso, merece maior destaque. Nas páginas que concentram a reportagem principal da revista, existe uma tentativa de sanar todas as dúvidas dos leitores, alertá-los e convencê-los. Criam-se através de crônicas de transformações os mapas e as modalizações de comportamentos.

¹<www.ivcbrasil.org.br/>.

²Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/apos-ser-vendida-editora-abril-passara-negociar-com-credores-23322666>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

Assim, nossa inquietação neste artigo é discutir a revista *Veja* como um dispositivo da biopolítica, ou seja, como uma rede de enunciados que interpretam o presente, estabelecem sentidos aos fatos e projetam um futuro, tendo em vista a defesa da população, o bem-estar, a qualidade de vida, e a garantia de que os sujeitos vivam dentro da normalidade e da margem. Examinar *Veja* como um dispositivo da biopolítica significa analisar seus enunciados jornalísticos dentro de uma ampla malha discursiva que se apresenta como responsável em gerenciar e administrar a população. É preciso entender suas publicações além do que é noticiado, isto é, investigar quais são as condições de possibilidade que permitem a emergência do saber jornalístico e as estratégias do exercício de poder entre *Veja* e seus leitores.

Revista *Veja*: um dispositivo da biopolítica

Por que as pessoas leem revistas? A resposta é ampla, talvez em um primeiro momento para se informar, mas, também, os leitores buscam por saberes, por narrativas que apresentem e expliquem o mundo, que os ajudem a construir críticas, reflexões, localizar-se e interagir diante dos fenômenos sociais. Sabendo dessa demanda, as revistas convocam os sujeitos e investem cada vez mais em receituários, mapas e guias que mostram o caminho para seus leitores seguirem. É nesse momento que se implicam modalizações e subjetivações, modos de ser, de fazer, de sentir e de poder. Assim, o ato de comunicação entre enunciador e enunciatário se constrói em torno de um domínio de saber. Deste modo, é comum vermos nas capas das revistas as seguintes expressões em suas manchetes: venha saber, descubra conosco, saiba das novidades, compreenda o essencial, etc. No mundo cada vez mais globalizado, o jornalismo de revista parte do princípio de que é preciso ensinar seus leitores a como proceder para colher os frutos do sucesso no futuro. Por este motivo que tantas revistas atuam em diversos segmentos, como por exemplo: economia, moda, beleza, política, automobilismo, esportes, ciência, saúde, culinária, entre outros.

Segundo Prado (2013), na década de 1980, a televisão se popularizou no Brasil e ocupou o lugar dos periódicos, principalmente o do jornalismo de revista que, por consequência, teve que se

reinventar, adotando práticas ainda mais pedagógicas, instrutivas e interpretativas, no qual a utilização e o entrelaçamento de imagens, infográficos, fotografias e discursos são os principais ingredientes para a formulação de mapas cognitivos que convocam o leitor a participar e interagir no meio social. Embasado em leituras do filósofo Michel Foucault, o autor acredita que as revistas passaram a desempenhar uma função biopolítica, ou seja, seu editorial é pensado para alertar o leitor-população sobre possíveis riscos que podem afetar sua segurança, em investirem na vida para que obtenham o máximo de eficácia, performatividade, longevidade e prazer. Também, pautas jornalísticas direcionadas para normalizar e regularizar comportamentos, assim como, resgatar aqueles indivíduos que fogem da normalidade, pois, a finalidade desta tecnologia de poder é gerenciar a população, buscar e manter o equilíbrio, a regularidade, a média. De fato, esses são os três principais pilares que sustentam o que Foucault (1999, p. 288-289) conceituou como biopolítica.

Durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica de poder não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está em outra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes.

A biopolítica para Foucault é uma nova técnica de poder, diferente do poder disciplinar que o autor havia conceituado em *Vigiar e Punir* (1975) e no primeiro volume de *História da Sexualidade* (1976). Naquela ocasião, Foucault definiu que o poder disciplinar tinha como alvo o corpo do sujeito, numa tentativa de adestrá-lo, torná-lo útil, dócil e produtivo. Para o autor, essa técnica de poder se perpetuou no ocidente entre os séculos XVII e final do XVIII, principalmente dentro de fábricas, escolas, hospitais e exércitos, sendo aplicado para cada um dos indivíduos, tendo como suporte a disciplina e a vigilância de seus corpos.

Já a biopolítica teria emergido no ocidente no final do século XVIII, e designa a maneira pela qual o poder se encaminha para a transformação, ela não exclui a técnica disciplinar, mas amplia seu horizonte. Portanto, a biopolítica deve ser entendida como um exercício de poder sobre um novo

corpo político: a população. De acordo com Foucault (2018), é a biopolítica que norteará a governamentalidade dos povos, é ela que vai tratar de racionalizar e resolver problemas próprios de uma população, como por exemplo: o contingente, as questões de saúde, higiene, natalidade, longevidade, qualidade de vida, urbanização, bem como, emitir alertas de possíveis perigos que possam colocar a espécie humana em risco. Nessa perspectiva, é conveniente pensarmos junto com Prado (2013), quando o autor define o jornalismo de revista como um dispositivo, tendo como referência o conceito de Michel Foucault (2017, p. 364-365):

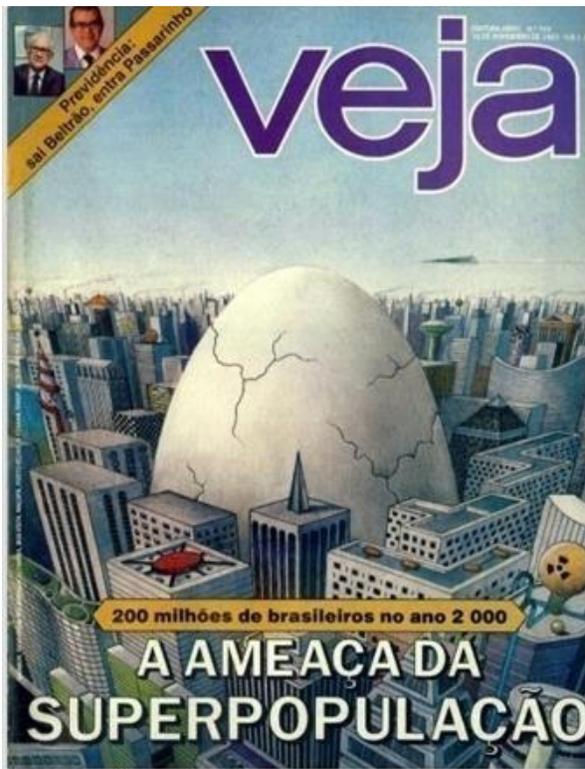
[...] engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...] entre esses elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [...] entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.

Para Foucault, a noção de dispositivo está vinculada a uma relação de poder e a uma configuração de saber. Sua formação, é devido a um determinado momento histórico, e sua função é responder por uma urgência. Trata-se de uma estratégia de relações de força sustentada por algum tipo de saber. É por meio dos dispositivos que o poder circula. Todavia, pensarmos a revista *Veja* como um dispositivo da biopolítica significa caracterizá-la como uma rede de elementos discursivos que interpretam o presente, estabelecem sentido aos fatos, propõe modos de pensar, agir e sentir. Também, enunciados jornalísticos que orientam seus leitores-população a seguirem determinadas condutas, a tomarem posição em busca do bem-estar, da segurança, da qualidade de vida e ao sucesso.

Ao debruçarmos sobre as edições da revista *Veja*, percebemos que durante a década de 1980, emergem capas-reportagens no periódico que passam a adotar um caráter pedagógico e, portanto, decidimos investigá-lo pelos próximos anos que compõem a década mencionada. Em um primeiro

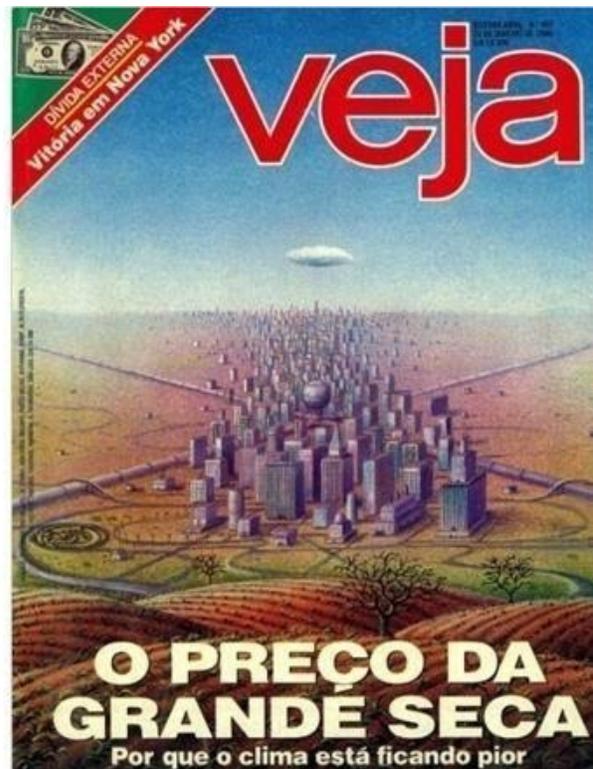
momento, as capas-reportagens foram selecionadas por discutirem temáticas relacionadas à segurança da população.

Imagem 1 – Capa da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, edição 793, 16/11/1983, capa.

Imagem 2 – Capa da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, edição 907, 22/01/1986, capa.

As edições veiculadas por *Veja* destacam-se por emitir alertas de segurança, pois, de acordo com a revista, a superpopulação e a seca no planeta emergem como futuras ameaças que poderiam impactar diretamente na vida da população. Portanto, *Veja* assume um caráter biopolítico: é necessário gerenciar, prever possíveis riscos, proteger e fazer viver.

Em ambas as capas da revista, *Veja* utiliza simultaneamente discursos verbais e imagéticos, para construir uma narrativa alarmística para seus leitores. Segundo Scalzo (2011), é uma característica dessa unidade comunicativa a utilização de um arsenal de recursos visando impactar e chamar a atenção do leitor, como por exemplo, o entrelaçamento de manchetes, chamadas e imagens empregadas em produzir narrativas, introduzir valores e símbolos que influenciem na percepção do leitor no âmbito social. Ao mesmo tempo em que as capas buscam proporcionar interações com os leitores, espera-se representá-los e convencê-los a mobilizar-se, tomar decisões.

Ainda sobre as capas, vale ressaltar que ambas ilustram a representação de uma cidade, o que nos faz pensar que, para a revista, o grande problema da superpopulação e da seca está localizado nos grandes centros urbanos. Talvez isso seja explicável ao lembrarmos de que o público alvo de *Veja* está nas cidades, principalmente nas mais populosas. Por conta disso, a revista escreve e direciona suas matérias para os leitores da zona urbana, como se fosse um problema que eles, com a ajuda da revista, têm a missão de procurar soluções.

Quando analisamos as reportagens no interior da revista, percebemos que a biopolítica também se faz presente,

[...] o Brasil amarga uma taxa de crescimento demográfico de 2,49% ao ano. Nessa marcha, o país chegará ao ano 2000 com cerca de 200 milhões de habitantes. Então, sofrerá os efeitos do sensível agravamento do fenômeno da multiplicação da pobreza e da queda da qualidade de vida. [...] Para que lamentações desse gênero não sejam reprisadas no fim do século, é preciso não perder tempo. É urgente implantarmos o planejamento familiar para reduzir o ritmo do crescimento e, principalmente, melhorar a qualidade de vida da população brasileira (*Veja*, edição 793, 16/11/1983, p. 74-75).

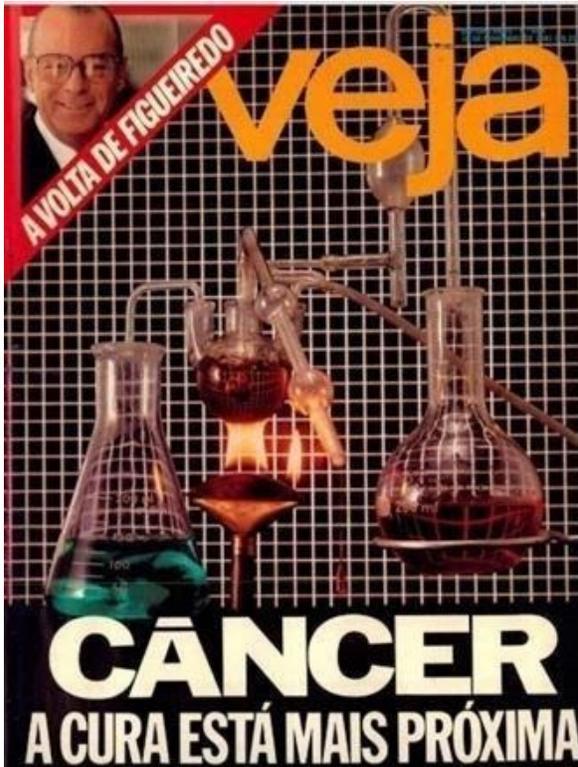
O ônus desse desastre, estimado em cerca de 6 bilhões de dólares distribuídos entre o que o país precisará importar, deixará de exportar e perderá diretamente com a

quebra das lavouras, incidirá sobre todos os brasileiros sob a forma de alimentos mais caros e, em consequência, mais inflação – que devora, numa espiral sem fim, o poder aquisitivo dos salários (*Veja*, edição 907, 22/01/1986, p. 44).

Os trechos recortados das reportagens seguem o mesmo caminho traçado pelas capas. Trata-se de um discurso jornalístico que denuncia o risco de vida para a população. De acordo com a revista, a superpopulação e a grande seca podem acarretar na multiplicação da pobreza, na queda da qualidade de vida, falta de alimentos e mais inflação, essa última que assolava a vida dos brasileiros mais pobres durante a década de 1980. Com efeito, a revista assume o papel de quem deve, primeiramente, alertar seus leitores-população sobre possíveis riscos que possam afetar sua segurança, bem como, posteriormente, apontar os possíveis e os melhores caminhos para prevenção e/ou resolução dos problemas por ela mesma apresentados, como por exemplo, implantar um planejamento familiar para diminuir a taxa de crescimento populacional no país, assim como, a preservação da água e do meio ambiente a fim de evitar grandes secas que causam descontroles econômicos. As temáticas trazidas pelo periódico estão imbricadas, tratam do gerenciamento da população, mostrando que na biopolítica o que está em jogo é a defesa da vida, “é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver” (FOUCAULT, 1999, p. 295).

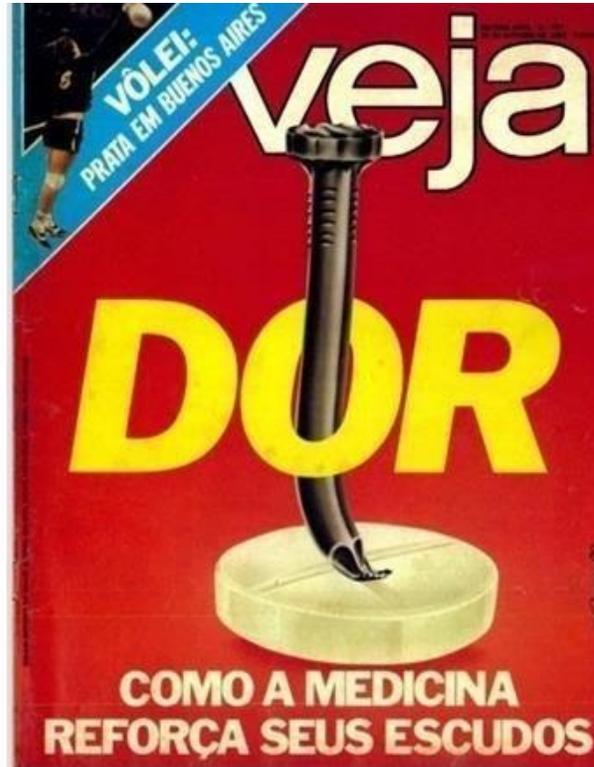
Correia (2012) ressalta que vivemos em uma sociedade de risco, alguns impostos pela natureza, outros produzidos pela própria ação humana. Por conta do fator de risco, o autor acredita que a biopolítica foi responsável por fazer nascerem sistemas de seguridade social, de previdências, de poupança. De fato, como vimos através das capas-reportagens de *Veja*, para a biopolítica é essencial a defesa da população, mas, também é necessário o investimento na própria existência humana, isso significa fazer a população alcançar uma vida equilibrada, saudável e sem dores. É preciso prolongá-la, maximizá-la. Portanto, nosso próximo ponto de análise são as capas-reportagens que tratam do investimento na vida, como por exemplo, a prevenção, o tratamento e a cura de doenças através da ciência, atrelados ao consumo de medicamentos.

Imagem 3 – Capa da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, edição 689, 18/11/1981, capa.

Imagem 4 – Capa da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, edição 737, 20/10/1982, capa.

As capas mencionadas estabelecem diálogo com a ciência da medicina. É por meio delas que *Veja* coloca ênfase nos últimos estudos científicos desenvolvidos, ao mesmo tempo que elege a medicina por ser a principal responsável em prolongar a vida da população, para que ela possa desfrutar de uma vida mais longa, saudável e evitar/amenizar sofrimentos. De acordo com Conrad (2007), pós década de 1970, inaugurou-se uma nova fase da medicalização. Segundo o autor, a medicina e o poder médico perderam o controle social, do qual eram capazes de definir e redefinir os aspectos da vida cotidiana como uma questão médica, o principal motivo dessa transformação é pelo fato da grande influência das empresas farmacêuticas no meio social. Conrad chama atenção para duas questões pertinentes: (1) as ações da profissão médica tem funcionado cada vez mais de acordo

com os interesses do capitalismo e, (2) a indústria farmacêutica passou a veicular anúncios publicitários nas mídias sociais, o que incentiva os sujeitos a consumirem cada vez mais remédios e pedirem para seus médicos a prescrição dos medicamentos vistos em publicidades. Com efeito, essas questões conduziram Conrad a alegar que a medicalização, em tempos de biopolítica, tornou a indústria farmacêutica o principal ator social, a saúde uma mercadoria e o corpo humano um lugar de experimentos, reformas, aprimoramento e desempenho.

Outra questão importante a ser mencionada é que ao examinarmos as capas de *Veja*, é necessário lembrarmos que elas se caracterizam por serem pré-construções, ou seja, é a equipe editorial de *Veja* que define o que é importante veicular, como nós leitores devemos ver, ler e pensar sobre a temática exibida na capa. De fato, é o processo editorial que conduz os leitores em relação ao modo como devem consumir e interpretar aqueles signos, neste caso, em entender que a medicina é essencial para a população gozar de uma vida longa, e que esta ciência trabalha para resolver os problemas relacionados à saúde humana. Quando examinamos as reportagens no interior das edições mencionadas, é possível observar como o discurso jornalístico em defesa do investimento na vida é uma potente ferramenta que atua no processo de constituição/construção dos sujeitos e na condução dos comportamentos da população. Trata-se de um jornalismo que molda, que produz subjetividades, é desta forma que *Veja* exerce poder sobre a vida de seu leitor-população.

Apoiadas num investimento de centenas de milhões de dólares, aplicados nos últimos dois anos, as companhias farmacêuticas americanas começam a produzir Interferon quimicamente puro. Há poucas semanas foram revelados pelo Dr. Jordan Gutterman, em Houston, nos Estados Unidos, os primeiros resultados de testes efetuados com Interferon obtido pela Engenharia Genética. A droga conseguiu bloquear o crescimento de tumores em dezesseis pacientes que já se encontravam em estágio avançado. [...] Os progressos são evidentes, mas os especialistas evitam render-se a triunfalismos. Pouco a pouco, as peças do gigantesco quebra-cabeça vão encontrando seu lugar (*Veja*, edição 689, 18/11/1981, p. 62).

Nos últimos oitenta anos a aspirina se tornou o remédio mais consumido em todo o mundo – e tem virtudes para isso. Além de seguro, testado por geração após geração, serve para curar tanta coisa que os cientistas, à medida em que mergulham em estudos sobre ele, mas frequentes sobretudo nos últimos anos, espantam-se

crescentemente com sua versatilidade. Como anunciam os fabricantes, a aspirina alivia a dor, reduz a febre, combate as inflamações, ajuda a curar o resfriado (*Veja*, edição 737, 20/10/1982, p. 71).

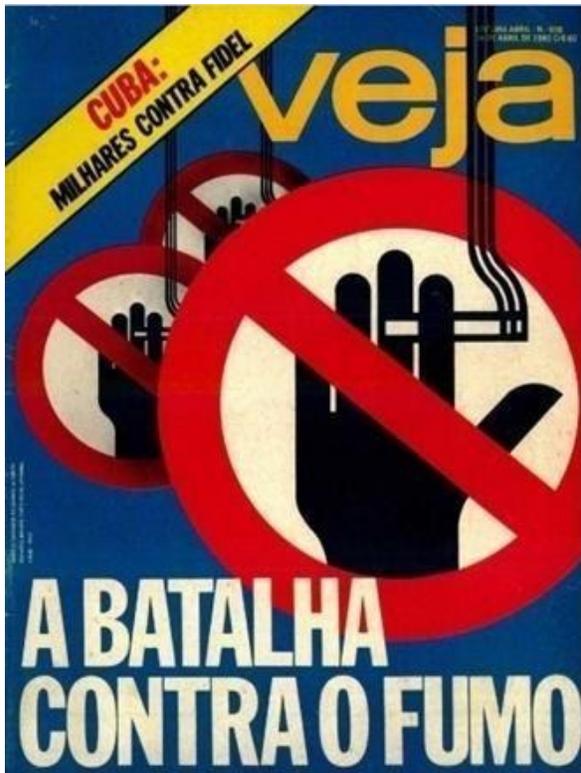
Os trechos recortados nos mostram a ênfase que *Veja* designa para a indústria farmacêutica e seus benefícios adquiridos por meio de investimentos tecnológicos e científicos. O destaque é por conta de suas conquistas, como por exemplo, as drogas que obtiveram bons resultados contra o câncer e o consumo exacerbado da aspirina, exaltada como uma fórmula mágica que, além de segura, é um medicamento simples para aliviar inúmeras dores.

De fato, o ato de comunicação de *Veja* para com seus leitores é um exercício de poder que se constrói em torno de um domínio de saber, neste caso, o saber científico, medicinal. E, assim, vale lembrar que na biopolítica o alvo do poder é a população, e a forma de se governar é por meio de saberes, deste modo, nota-se que as capas-reportagens de *Veja* se apresentam como uma prática jornalística responsável pela mediação, produção e circulação de textos, imagens, conceitos e inúmeros saberes que possuem a finalidade de gerenciar a população. De acordo com Silva (2019), o jornalismo de revista, assim como os demais veículos de comunicação, ocupa um lugar privilegiado de fala, que se efetiva como uma vontade de verdade para seus receptores, como um discurso dotado de credibilidade e autorizado a falar sobre todo e qualquer saber. Com efeito, o que a revista *Veja* veicula em suas capas-reportagens não podem ser entendido como mera informação, mas como disseminações de saberes que prometem ao leitor-população qualidade de vida, prazer, saúde, equilíbrio, assim como, os possíveis caminhos abertos pela ciência para aliviar as dores e o sofrimento quando for necessário.

Para a biopolítica, é importante que nenhum indivíduo saia fora da margem, do controle e da normalidade. Não faz parte da governamentalidade biopolítica os indivíduos-população que se desviam, aqueles que mostram comportamentos opostos do que se espera. A biopolítica se preocupa em manter a média, ela não aceita condutas díspares que possam colocar em risco o equilíbrio e a estabilidade social. Mas, caso isso venha a acontecer, a própria biopolítica se encarrega em buscar e trazer aqueles sujeitos novamente para dentro da margem/normalidade. Neste caso, chegamos ao

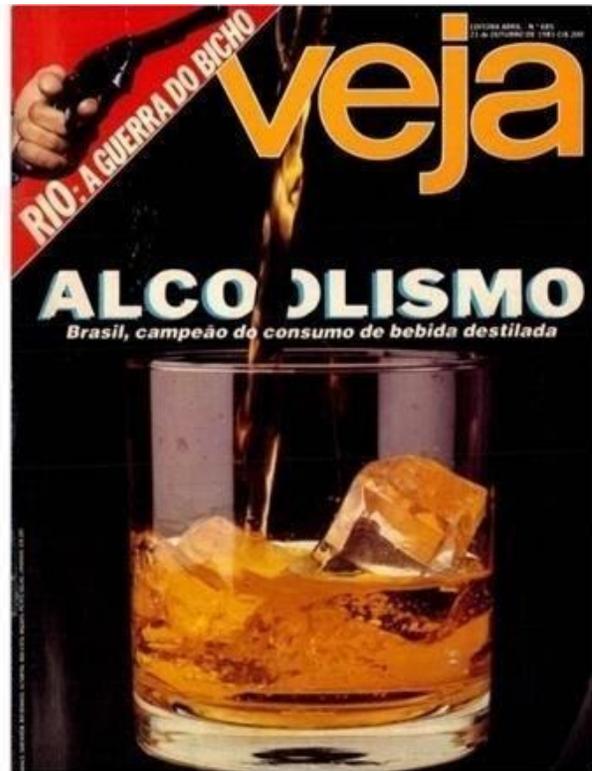
terceiro pilar da biopolítica, a questão da norma, também presente nas capas-reportagens da revista *Veja*.

Imagem 5 – Capa da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, edição 606, 16/04/1980, capa.

Imagem 6 – Capa da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, edição 685, 21/09/1981, capa.

As edições citadas de *Veja* estabelecem para seus leitores o que é o anormal na sociedade. O anormal é o indivíduo viciado em cigarros e bebidas, ou seja, aquele sujeito que é dependente de algum tipo de uso de drogas. Segundo a revista, esse indivíduo está se desviando da normalidade. Foucault (2018) ressalta que a normalização é um dos grandes instrumentos da biopolítica, pois, consiste em homogeneizar as multiplicidades. Uma sociedade normalizada é o efeito dos poderes

centrados sobre a vida da população, técnicas que são disseminadas no corpo social, como a criação, classificação e o controle, principalmente de anormalidades.

As narrativas das capas de *Veja* buscam criar através de crônicas de transformação os mapas e as modalizações de comportamentos. A revista coloca o leitor na posição de quem necessita de conselhos e ajuda, mostrando os malefícios trazidos pelo vício em drogas, mesmo elas sendo lícitas, como o exemplo de cigarros e bebidas alcoólicas. As reportagens no interior do periódico apontam para o mesmo caminho, citam o aumento de pessoas viciadas e destacam suas consequências ao longo prazo.

[...] desde 1964, quando o Departamento de Saúde dos Estados Unidos divulgou seu primeiro e estrondoso relatório sobre o fumo, o cigarro transformou-se aos poucos, num degrau para o câncer, os distúrbios circulatórios e úlceras. Hoje, calcula-se que um fumante deve esperar viver de oito a nove anos menos que um não-fumante. [...] O fumo está na origem do câncer do pulmão, das cordas vocais ou da laringe, da boca, da língua, do lábio, da gengiva, do esôfago, da bexiga, do rim e do pâncreas (*Veja*, edição 606, 16/04/1980, p. 77-82).

Segundo a Dra. Jandira Mansur, 41 anos, chefe do Departamento de Psicobiologia da Faculdade Paulista de Medicina e uma das mais respeitadas especialistas no assunto, o alcoolismo é responsável por metade das internações registradas em hospitais psiquiátricos e por 90% dos atendimentos psiquiátricos de urgência. Em 1978, segundo estatísticas oficiais, registraram-se 1 551 501 acidentes de trabalho causados por embriaguez. Pesquisas conduzidas pelo médico Ajax Walter Silveira, chefe do Ambulatório de Recuperação de Alcoólatras da Prefeitura de São Paulo, constataram que 70% dos menores abandonados que perambulam pela capital paulista – uma multidão estimada em 600 000 pequenos brasileiros – são filhos de pais alcoólatras. Suspeita-se, também, de que goles irresponsáveis provocam anualmente alguns milhares de acidentes de trânsito [...] (*Veja*, edição 685, 21/09/1981, p. 89).

Ambas as reportagens realçam as complicações que o sujeito-população pode adquirir caso prolongue por anos algum dos vícios mencionados. No exemplo do cigarro, *Veja* destaca que o fumo pode causar distúrbios e pode se tornar a porta de entrada para levar o indivíduo a desenvolver doenças mais graves, como o câncer. Na reportagem sobre o vício em bebidas alcoólicas, a narrativa consiste nos alertas sobre seus efeitos no trabalho, no trânsito e na família. Ambas as

capas-reportagens de *Veja* mostram preocupação com o uso exacerbado das drogas mencionadas, ainda que legalizadas, sua utilização sem precedentes pode resultar em vários indivíduos se desviando da normalidade, o que acarretaria em possíveis malefícios no futuro para a população, riscos de grande proporção e que poderiam ameaçar a estabilidade e o controle da governamentalidade biopolítica. Portanto, podemos considerar que as capas-reportagens investem em duas frentes, (1) elas conduzem o leitor-população a interpretação de que os vícios, sejam eles em cigarros e bebidas, trazem malefícios e os levam para a anormalidade e, (2) o discurso jornalístico funciona como um mecanismo para resgatar aqueles que já estão fora da margem, ou seja, os viciados. Assim, é necessário alertá-los e trazê-los para a normalidade novamente. Desse modo, o investimento da biopolítica sobre a vida se faz por meio do exercício do poder normalizador, é ele quem vai adequar, controlar, administrar e regularizar a população, é ele o responsável por estabelecer o que é normal e anormal em uma sociedade. Essa relação de poder é desempenha por *Veja*, o que torna o periódico um dispositivo da biopolítica.

De acordo com Prado (2013), os veículos comunicacionais, em especial as revistas semanais, convocam o enunciário para viver uma vida segmentada, que valha a pena ser vivida, construída e modalizada por meio dos critérios biopolíticos. Segundo o autor a convocação é realizada por meio da garantia de uma vida de satisfações, sejam elas emocionais ou materiais. Com efeito, nota-se que a essência das capas-reportagens de *Veja* é investir cada vez mais em receituários, alertas, mapas e guias que, primeiramente convocam seus leitores e, posteriormente, mostram os caminhos para seguirem. É nesse momento que se implicam as modalizações, os modos de ser, de fazer e sentir, seguindo uma estratégia que busca comportamentos conformes dentro da população.

Quando abrimos o horizonte de análise, percebemos que, ao longo do recorte temporal estabelecido para realizar nosso exame, cada uma das capas-reportagens de *Veja* traz consigo um discernimento singular, mas sua interação social é intensificada no longo prazo, com a publicação de outras capas-reportagens que, quando são alinhadas, produzem sentido, mobilizam os leitores-população, seus comportamentos, seus valores, o modo de pensar e compreender o tempo e

o espaço. *Veja* trata seus leitores-população como pacientes que dependem de seus cuidados, que necessitem da leitura semanal do periódico para compreenderem o Brasil, para distinguirem o certo do errado, o normal do anormal, o bem-estar do mal-estar. Nesse sentido, no momento que *Veja* assume seu caráter biopolítico ela passa a ser, ao mesmo tempo, um potente mecanismo de controle social e uma construtora de subjetividades. Talvez, esse tenha sido o principal motivo do fascínio dos pesquisadores sobre os veículos de comunicação, em especial os periódicos.

Considerações finais

O presente estudo mostrou-nos como o jornalismo praticado por *Veja* atua na formação do nosso modo de vida, da nossa perspectiva e consciência histórica. De fato, percebemos que o jornalismo praticado por *Veja* é um dispositivo biopolítico capaz de influenciar a vida cotidiana dos indivíduos-população. Pensarmos *Veja* como um dispositivo nos permitiu compreender a elaboração e a circulação do saber jornalístico, assim como o exercício do poder e seus efeitos: a produção de subjetividades. Portanto, é possível dizer que a influência deste dispositivo na sociedade colabora para o deslocamento do modo com os sujeitos-populações se constituem e se transformam em um determinado momento histórico.

Dialogar com o conceito de dispositivo neste artigo, também nos permitiu compreender as práticas discursivas de *Veja* e como elas funcionam dentro de um jogo de saber-poder. Deste modo, a principal função deste dispositivo midiático foi buscar modalizar os leitores-população, oferecendo-lhes pacotes biopolíticos, isto é, receitas que deveriam ser seguidas para evitar possíveis ameaças, problemas e perigos que a própria sociedade cria e, por conta disso, é preciso defendê-la. Com efeito, a partir da investigação realizada por meio do conceito da biopolítica, as capas-reportagens examinadas mostraram ser, ao mesmo tempo, um objeto de saber e um veículo de poder.

Fontes e bibliografia

1. Fontes periódicas

Veja, São Paulo (16/04/1980; 21/09/1981; 18/11/1981; 20/10/1982; 16/11/1983; 22/01/1986).

2. Referências bibliográficas

CONRAD, Peter. **The medicalization of society**: on the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007.

CORREIA, Luis Adonis. **Riscos do capital humano**: talentos, processos e crenças. Rio de Janeiro: Brasport, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978 – 1979). Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2018.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975 – 1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**. São Paulo: Hacker, 2000.

PEREIRA, Ariane Carla. **Rota 66 em revista**: as resistências no discurso do livro- reportagem. Guarapuava: Editora Unicentro, 2010.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ, 2013.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, André Luís A. **Quando História e Jornalismo se encontram:** os enunciados jornalísticos de *Veja* como dispositivos de poder (2011 – 2016). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Irati, 2019